

Gozadores temporários — entronizam ilusões.
Ao invés de suar no trabalho — apanham borboletas da fantasia.
Desfrutam a existência — assassinando-a em si próprios.
Possuem os bens da Terra — acabando possuídos.
Reclamam liberdade — submetendo-se á escravidão.
Mas chega, um dia — porque há sempre um dia mais claro que os outros,
Em que a morte surge — reclamando trapos velhos...
O tempo recolhe, então, apressado — as oportunidades que pareciam sem fim...
E o homem reconhece — tardivamente preocupado,
Que a Eternidade infinita — pede contas do minuto...

André Luiz.

[86]

A DIVINA LIÇÃO

Quando o Grande Processado
Ouviu a condenação,
O povo esperava, aflito,
Os gestos de reação.

Não se dizia emissário
Da Magestade de Deus?
Por que dobrar-se humilhado
Á tracas de fariseus?

Não se afirmava o Senhor?
Não era o Divino Mestre?
Por que curvar-se á injustiça
No campo da dôr terrestre?

Falava-se que Jesus
Era o Caminho, a Verdade,
A Vida Vitoriosa
No seio da Divindade...

Entretanto, pobre e humilde,
Em face da multidão,
Era Ele tido á conta
De feiticeiro e ladrão.

[87]

Vencido e dilacerado,
O sangue a empapar-lhe a fronte,
Contemplava, angustiado,
A fímbria azul do horizonte.

O povo, porém, não via
Nem milagres, nem sináis...
Onde o socorro divino
Das hóstes celestiais?

Martírios e bofetadas.
E o Mestre não reagia,
Suportando a cruz pesada
Na túnica da ironia.

Que fazia o Condenado?
Por que não pedir dos céus
Incêndios, misérias, pragas,
Flagelações, escarcéus?

Onde os carros poderosos
De Jesus de Nazaré?
Onde as armas e soldados
Pela paz da nova fé?

O justo, porém, na cruz,
Ouvindo perguntas mil,
Viu que a turba inda era frágil
Ignorante e infantil.

E o Mestre, fitando os Céus,
Deu a divina lição
Do amor que redime a vida
No silêncio e no perdão.

Casimiro Cunha.